

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



MARCHANT, Alexander Nelson de Armond

(Rio de Janeiro, 1912 – Nashville, 1981)

Nasceu no Rio de Janeiro, de pai norte-americano e mãe inglesa. Marchant concluiu seu bacharelado na National University em 1931, seu mestrado na American University em 1933 e doutorou-se na Johns Hopkins University em 1941. Posteriormente, Marchant passou a trabalhar no Departamento de Estado na qualidade de pesquisador assistente de Geografia entre 1940 e 1947. Esteve também a serviço da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro entre 1945 e 1947. Em 1948 retornou à vida universitária, como professor associado de História na Vanderbilt University, onde fez toda a sua carreira sempre voltada para a História, em especial a do Brasil, tendo-se reformado como professor emérito em 1978. Foi um dos pioneiros dos estudos brasileiros nos Estados Unidos.

Com 30 anos de idade publicou seu trabalho mais conhecido *From Barter to Slavery: Economic Relations of Portuguese and Indians in the Settlement of Brazil, 1500-1580* (Johns Hopkins University Press, 1944). Traduzido imediatamente para o português, foi publicado na prestigiosa Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional em 1943, tendo sido reeditada na mesma coleção em 1980. Pouco antes, em 1938, publicara uma bibliografia acerca da colonização alemã no Brasil, intitulada “Writings in English, French, Italian and Portuguese Concerning the German Colonies in Southern Brazil” no *Handbook of Latin American Studies* (1938). Durante o período em que trabalhou no Departamento de Estado publicou um estudo sobre as fronteiras entre as repúblicas americanas, intitulado *Boundaries of the Latin American Republics* (1942 e 1944). Ainda nesse período escreveu três artigos sobre a história luso-brasileira: “Colonial Brazil as a Way Station for the Portuguese India Fleets” (*The Geographical Review*, 1941); “Tiradentes in the Conspiracy of Minas” (*The Hispanic American History Review*, 1941) e o importante texto “Feudal and Capitalistic Elements in the Portuguese Settlement of Brazil” (*The Hispanic American...*, 1942).

Já na Vanderbilt University, associado a T. Lynn Smith, organizou uma significativa coletânea de trabalhos sobre o Brasil, com a colaboração de norte-americanos e brasileiros, sob o título *Brazil, Portrait of Half a Continent* (1951), redigindo o capítulo inicial, “The Unity of Brazilian History”. Pouco depois escreveu ainda o capítulo “Colonial Brazil” para a obra organizada por Livermore, *Portugal and Brazil: as introduction* (1953) e editou o livro *Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies* (1953), que contou com a participação de grandes historiadores como Charles R. Boxer e Robert C. Smith. Por fim, colaborou na obra organizada por Arthur P. Whitaker, *Latin America and the Enlightenment* (1942) com o capítulo sobre o Brasil.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Em reconhecimento ao seu trabalho recebeu a Ordem do Cruzeiro do Sul concedida pelo governo brasileiro em 1952.

Ainda que, como vimos, Marchant tenha trabalhado com vários temas da história do Brasil do século XVI até o XIX, são seus trabalhos sobre o primeiro século da colonização portuguesa que se destacam no conjunto de sua obra. Como é notório, a Coroa portuguesa não empreendeu nenhuma ação de maior fôlego nas terras americanas nas décadas seguintes à viagem de Cabral. A rivalidade com espanhóis e franceses, contudo, obrigou a Coroa a uma nova orientação, dado o risco de perda de território, uma vez que a prioridade então dada era o Oriente, destarte a solução encontrada foi conceder largas faixas de terra a vassalos com experiência nas atividades do ultramar. Reproduzia-se assim, em escala ampliada, o modelo de colonização baseado nas chamadas capitanias hereditárias, modelo esse anteriormente aplicado nas ilhas atlânticas. Na prática, entretanto, o processo de colonização empreendido pelos donatários a partir da década de 1530 não conseguiu superar as dificuldades encontradas, notadamente a resistência indígena – tema central da obra de Marchant –, nem atingir os objetivos de garantir a defesa do território, obrigando dessa forma a Coroa portuguesa a intervir com a criação do Governo Geral em 1548. As capitanias hereditárias não deixaram de existir, porém, a partir desse momento foram perdendo importância e paulatinamente foram sendo incorporadas ao patrimônio régio, num longo processo que só se encerrou no século XVIII. Pode-se dizer, em linhas gerais, que as capitanias fracassaram ou, em uma visão matizada, que, dadas as dificuldades encontradas, elas acabaram servindo como uma etapa preliminar do processo de colonização, facilitando de alguma forma o esforço posterior, já sob a égide da Coroa. De toda forma a opção inicial pelo sistema de capitanias hereditárias marcou o processo de colonização do Brasil, em especial até meados do século XVII e, conseqüentemente, gerou um imenso debate historiográfico, no qual a obra de Marchant se insere de forma significativa.

Tal debate girava em torno do problema de como definir o regime das capitanias hereditárias, em especial, no período inicial da ocupação do território. A maioria dos autores do século XIX que trataram do tema optou por destacar os aspectos feudais, tal interpretação iria ser questionada no século XX. O debate, que se estendeu por boa parte do século, envolveu historiadores e não-historiadores das mais diversas orientações teóricas e políticas, mas foi, contudo, eminentemente teórico e foi estudado por António Vasconcelos de Saldanha (2001). Esquemáticamente podemos dizer que, em torno de uma documentação limitada e, em grande medida, publicada, os vários autores procuravam definir a característica do período, enquadrando-o dentro dos conceitos, nem sempre claramente definidos, de feudalismo ou de capitalismo, ou até mesmo na combinação de características dos dois regimes.

Marchant tomara parte no debate com o artigo “Feudal and Capitalistic Elements...” (*The Hispanic American...*, 1942), no qual analisa as linhas interpretativas, sem deixar de tomar posição, refutando a tese do caráter feudal e procurando avançar na interpretação que apontava os elementos capitalistas da colonização. Para ele, a questão fundamental era a combinação do comércio com a colonização, em que o investimento visava o lucro e, portanto, poderia ser caracterizado como capitalista. Assim, Marchant concluía



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

que os donatários “were clearly capitalistic in the sense of investing money for profit”. Tal debate, contudo, foi definido por Francis Dutra como uma “sterile controversy” (*A guide to the History of Brazil...*, 1980, p. 89). Neste sentido, o grande mérito de Alexander Marchant foi ter dado um passo adiante no conhecimento do período na sua mais importante obra.

No seu mais conhecido trabalho, *From Barter to Slavery...*, Marchant, avançando para além do debate teórico, procurou analisar, a partir das fontes disponíveis, o efetivo processo de colonização, estudando em particular a questão central do período: as relações entre os portugueses e os indígenas, em especial as formas de exploração da mão de obra indígena.

Do ponto de vista cronológico, a primeira forma de exploração da mão de obra foi através da troca ou escambo com os índios de produtos europeus, notadamente ferramentas. Desse modo os portugueses obtiveram trabalho, alimentos e outros gêneros, inclusive escravos. A exploração do pau-brasil, por exemplo, viabilizou-se graças a tal arranjo, que também seria fundamental nos primeiros tempos da colônia. A ampliação da presença portuguesa, após a criação das capitanias, com a crescente necessidade de trabalho, não apenas circunstancial, mas cotidiano, fez com que os índios passassem a exigir produtos de maior valor, inclusive armas, ou que simplesmente se recusassem a servir aos recém-chegados, o que acabou inviabilizando tal arranjo. O esgotamento das possibilidades de troca de trabalho por mercadorias variou de capitania para capitania, de acordo com o ritmo do desenvolvimento das atividades produtivas, notadamente da agromanufatura açucareira. As formas voluntárias foram substituídas cada vez mais por formas compulsórias de trabalho, incluindo a escravidão, o que, por sua vez, provocou uma resistência crescente da população indígena, levando a um conflito aberto e generalizado nas diversas capitanias na década de 1540, que culminou com a destruição de engenhos, fazendas e, inclusive, das capitanias da Bahia e de São Tomé (atual norte do estado do Rio de Janeiro).

Em linhas gerais, a incapacidade de manter o arranjo do escambo fez com que os colonos procurassem escravizar os indígenas, provocando conflitos que colocaram em xeque o processo baseado exclusivamente em capitanias hereditárias, o que obrigaria a intervenção da Coroa com a criação do Governo Geral em 1548 para evitar a destruição completa dos primeiros núcleos coloniais. Nas últimas décadas do século XVI, contudo, a correlação de forças no litoral se inverteu e os portugueses passaram à ofensiva, consolidando o domínio do território, escravizando os índios derrotados e, dessa forma, permitindo o grande crescimento da economia açucareira.

From Barter to Slavery..., de Alexander Marchant, foi a primeira obra a estudar sistematicamente a questão central da relação dos portugueses com os indígenas do ponto de vista econômico, valendo-se largamente da documentação então disponível. Sérgio Buarque de Holanda definiria a obra como “excelente e bem documentada monografia” (*Manual Bibliográfico...*, 1950, p. 405) e Léon Helguera, por sua vez, definiria, corretamente, o trabalho como “seminal” (*The Americas*, 1982, p. 403). Mais recentemente, tanto Stuart Schwartz (2003, pp. 21 e seg.), como John Monteiro (1994, pp. 32 e 231) questionaram a interpretação de Marchant sobre o problema do escambo. Nas palavras de Monteiro, apoiado em Schwartz, “Marchant colocou

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

os índios num contexto teórico equivocado, pressupondo um comportamento ocidental por parte dos nativos, dos aparentemente irracionais índios brasileiros, diante das condições objetivas dos mercado”, desconsiderando ainda os efeitos e o impacto profundo que as ferramentas e as armas teriam para as sociedades indígenas. De toda forma *From Barter to Slavery...* ainda é fundamental para o estudo do período e, pode-se dizer, é de fato um clássico da historiografia do Brasil Colonial.

Bibliografia ativa: “Writings in English, French, Italian and Portuguese Concerning the German Colonies in Southern Brazil”, *Handbook of Latin American Studies*. Cambridge, Harvard University Press, v. 5, 1938, 418-431; “Colonial Brazil as a Way Station for the Portuguese India Fleets”. *The Geographical Review*, n.º31, 1941, 454-465; “Tiradentes in the Conspiracy of Minas”. *The Hispanic American History Review*, n.º21, 1941, 239-257; “Feudal and Capitalistic Elements in the Portuguese Settlement of Brazil”. *The Hispanic American History Review*, n.º 21, 1942, 493-512; *Boundaries of the Latin American Republics*, U.S. Government Printing Office, 1942 e 1944; *Do Escambo à Escravidão, as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil, 1500-1800*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943 (2.ª ed. 1980); *From Barter to Slavery: Economic Relations of Portuguese and Indians in the Settlement of Brazil, 1500-1580*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1944 (2.ª ed. 1966); _____ e SMITH, T Lynn, *Brazil, Portrait of Half a Continent*, New York, Dryden Press, 1951; “Colonial Brazil”. LIVERMORE, Harold, *Portugal and Brazil: as introduction*. Oxford, Clarendon Press, 1953, 283-301; *Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies*, Nashville, Vanderbilt University Press, 1953.

Bibliografia passiva: DUTRA, Francis, *A guide to the history of Brazil, 1500-1822*, Santa Barbara, ABC-CLIO, 1980; HELGUERA, J. Léon, “Alexander Marchant (1912-1981)”, *The Americas*, n.º 38, 1982, pp. 403; HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Souza, 1950; MONTEIRO, John, *Negros da Terra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994; RUSSEL-WOOD, A. J. R., “A contribuição Acadêmica Norte-americana à historiografia do Brasil Colonial”. *Varia História*. Belo Horizonte, n.º 22, 2000, pp. 7-41; SALDANHA, António Vasconcelos de, *As capitânias do Brasil*, Lisboa, CNCDP, 2001; SCHWARTZ, Stuart, *Da América Portuguesa ao Brasil*, Lisboa, Difel, 2003.

Rodrigo Ricupero